

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO NO TRABALHO COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO HOSPITAL: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Reflections on education in working with health care professionals in the hospital: a phenomenological understanding

Rosilda Veríssimo Silva¹

Walter Ferreira de Oliveira²

Artigo encaminhado: 19/04/2017

Aceito para publicação: 14/12/2017

RESUMO: A pesquisa qualitativa fenomenológica se fundamenta numa postura de abertura do investigador para a compreensão dos fenômenos vivenciados pelo ser humano. A essência de significados dos entes mundanos se mostra na linguagem expressa. Ensaio desenvolvido a partir da tese de doutorado em Saúde Coletiva apresentando as características gerais dos participantes, os quais têm parte de suas narrativas dialogando em um encontro entre todos eles e a pesquisadora. Foram áudio gravadas duas entrevistas em profundidade com doze profissionais de saúde com vínculos empregatícios em hospitais de Santa Catarina. A apreensão das características emergiu após consecutivas leituras e escutas de cada entrevista para elaborar o texto inicial dos resultados na pesquisa. Destaca-se a fenomenologia existencial de Heidegger como método para a compreensão do fenômeno educativo no trabalho. Os colaboradores mostraram a atividade educativa como um ente que os auxilia na manutenção do trabalho e que precisa ser melhorada para atender as expectativas.

Palavras-chave: Fenomenologia. Existencialismo. Educação continuada.

ABSTRACT: The phenomenological qualitative inquiry is based on a posture of openness of the investigator to the understanding of the phenomena survived by the human being. The extract of meanings of the worldly beings shows off in the definite language. Rehearsal developed starting from the doctorate theory in Collective Health presenting the participants' general characteristics, which have part of their narratives dialoguing in an encounter among all of them and the researcher. They were recorded two interviews in depth with twelve professionals of health with contracts of employment in hospitals of Santa Catarina. The apprehension of the characteristics emerged after consecutive readings and you listen of each interview to elaborate the initial text of the results in the research. He/she stands out the existential phenomenology of Heidegger as method for the understanding of the educational phenomenon in the work. The collaborators showed the educational activity as a being that aids them in the maintenance of the work and that he/she needs to be improved to assist the expectations.

Keywords: Phenomenology. Existentialism. Continuing education.

¹ Dra em Saúde Coletiva, professora Instituto Superior Educacional Luterano Bom Jesus IELUSC

² Professor do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina

1 A FENOMENOLOGIA E O EXISTENCIALISMO

A fenomenologia tem se destacado como método de pesquisa para a articulação de diferentes saberes na área da saúde na intersecção com a pesquisa qualitativa. Especificamente se debruçar no desvelamento de fenômenos educativos no trabalho chama a atenção, uma vez que os estímulos e a produção teórica sobre conquistas com a educação permanente polarizaram as últimas décadas no Brasil.

A fenomenologia como método se destacou no movimento científico no século XX opondo-se à objetivação das coisas. Foi proposta por Edmund Husserl que desejava tornar a filosofia uma ciência de rigor frente aos acontecimentos de sua época. A fundamentação é ir às coisas mesmas. Seguidor dessa crença, porém partilhada de outra forma, Heidegger pergunta pelo ser do ente humano, esquecido pela filosofia e tratado como uma coisa entre coisas (SAFRANSKI, 2005).

Ao investigar com a fenomenologia o ser do humano, Heidegger desenvolve a hermenêutica da facticidade; uma fenomenologia ontológica, na qual os acontecimentos e coisas do mundo têm significado a partir da afinação no humor que o Ser está. Assim o Ser, conforme a sua afinação, se desvela em diferentes modos de ser e, por meio da sua visão prévia ele interpreta os entes que lhe veem ao encontro. Como um existencial o homem é ser-no-mundo que se interpreta a si mesmo, aos outros e aos demais entes (GADAMER, 2012; KAHLMEYER-MERTENS, 2015).

O ser humano, em sua interpretação em relação aos entes, se manifesta como o ser-em-si, o ser-junto-com e o ser-com. Nessas interpretações o ser-no-mundo se mostra em seus modos existenciais de ser: falar, compreender e fazer, entre outros. É no desvelamento dos modos de ser do homem que se desvelam os significados das coisas, como elas o toca (SCHMIDT, 2012).

Como método flexível, não há etapas a serem seguidas; o investigador, ao assumir a postura fenomenológica para a captação de vivências, busca a essência do fenômeno significativo. Assim ele compreende como os entes mundanos se desvelam para os sujeitos ao partilharem suas histórias. Essa postura requer a escuta atenta e a atenção aos preconceitos próprios para dizer o que esses narradores interpretam do mundo.

Considera-se a importância desse método para compreender como é interpretada a educação continuada com profissionais de saúde no trabalho dentro do hospital. Por trazerem as compreensões do ser, mostram caminhos para o

desenvolvimento de ações, a partir da condição de abertura do sujeito humano para elaborar outras interpretações. Isso tem relevância para a saúde e especificamente o campo coletivo, já que as abordagens a partir de generalizações se mostram insuficientes para compreender o mundo vivido pelo profissional em seu cotidiano de trabalho. Outro destaque é a escassez de trabalhos focalizando esse método de pesquisa, o que torna essa discussão pertinente.

Uma das correntes filosóficas para compreender os fenômenos é o existencialismo. Nele a direção é a ênfase na responsabilidade do homem pelas escolhas quanto ao seu destino e livre arbítrio. Entre os defensores desses princípios destacam-se Heidegger, Jaspers e Merleau-Ponty. Sören Kierkegaard, o fundador do existencialismo filosófico, questionou o homem no mundo a partir da concepção à época como um agrupamento de átomos pelas ciências, defendendo ser a existência pessoal e única (LUIJPEN, 1973).

O ser humano é um existencial que tem vivências que, antes de serem refletidas de modo consciente, mostram o que de fato representam as coisas para ele; isso constitui o seu pré-reflexivo. Conforme discutem Luijpen (1973) e Gadamer (2012) existir no mundo e interpretar os entes do mundo se relacionam de modo que, ao existir, o homem em si já se compreende.

A constituição dessa forma de entender o mundo se dá no pré-reflexivo, que corresponde à consciência que o sujeito-como-cogito tem a respeito das coisas no mundo vivido. O mundo é captado por esse sujeito a partir de suas vivências e estas alimentam a consciência reflexiva. Essa por sua vez é partilhada por meio da linguagem, conforme Luijpen (1973).

É a linguagem que nos faz exteriorizar o nosso mundo interno, exprimir o que está presente na consciência e, com a palavra, desocultar os significados que as coisas têm. Despertando o significado, as palavras se dirigem ao sujeito e conformam uma relação de implicação entre quem fala e o sentido, formando uma unidade, afirma Luijpen (1973).

Edmund Husserl, estudando um caminho para a elevação da filosofia à categoria de ciência rigorosa, encontra na fenomenologia terreno para concretizar seu intento. A fenomenologia com o lema rumo às *coisas mesmas* indica que as coisas devem ser observadas e experimentadas quando do preenchimento dos atos intencionais. Estas devem ser consideradas a partir da sua visão imediata ao invés de concepções e representação de símbolos (GILES, 1989; GADAMER, 2012).

Nos estudos com Franz Brentano, Husserl levou para o movimento fenomenológico o questionamento sobre a maneira de fazer ciência, a qual desvalorizava o existir humano na sua totalidade (MIRANDA, 2011; SALZEDAS, 2011; GADAMER, 2012). Husserl iniciou os estudos a partir dos questionamentos da tendência que atribuía à psicologia a explicação dos conhecimentos e o funcionamento do pensamento humano por métodos da natureza, desconsiderando as diferenças entre os seus objetivos.

Para a fenomenologia a consciência já se encontra junto às coisas e se fundamenta na explicação da consciência como um fluxo temporal das vivências; isso torna possível dar significado às coisas. Para Husserl essa é a consciência transcendental, ou seja, o objeto do conhecimento se manifesta mostrando o ser do mundo interior revelando a essência objetiva (GILES, 1989; MIRANDA, 2011; SALZEDAS, 2011; GADAMER, 2012).

Além de transcendental, os atos da consciência, como processos mentais, são intencionais; na afirmação de Husserl, sem o visar não há visado. A consciência, em Husserl, designa todos os atos psíquicos ou vivências intencionais, ou seja, um objeto é visado sem que encontre na sua consciência algo correspondente; portanto está presente, exclusivamente, o ato intencional no modo vivido. E é nesse ato vivido que se encontra a significação e o objeto intencional está transcendente a vivência. Atos expressivos inteligíveis o são em função da intenção de significação ou sentido (STEGMÜLLER, 2012).

Logo os atos já têm uma intencionalidade de significação, isto é, as coisas mesmas são aquelas visadas e experimentadas nos atos intencionais enquanto tais e que são vistas de imediato. Assim a consciência é sempre voltada para algo; essa relação da consciência e do mundo percebido é indissociável. Como se percebe, difere a atitude fenomenológica na investigação da atitude natural (HUSSERL, 1990; GADAMER, 2012).

Ir às coisas mesmas é compreender a essência das coisas e, para tal, colocar em suspensão o que se sabe do mundo externo com a finalidade de atingir a consciência pura. A suspensão é colocar entre parênteses tanto a dimensão histórica quanto a existencial. Para Husserl, a ideia da fenomenologia como filosofia e idealismo transcendental e da redução fenomenológica possibilitam acessar o modo de consideração transcendental, isto é, o retorno à consciência, onde os objetos se constituem (HUSSERL, 1990).

Husserl critica a postura natural e defende que filósofos tratam da reflexão sobre o conhecimento e objeto em sua relação. O conhecimento é uma vivência psíquica, explica Husserl (1990), pois se trata do conhecimento do sujeito que conhece; o que ele percebe a respeito da coisa diante de si, diante dos olhos que a percebem. Porém, como tal, a percepção é apenas a vivência do sujeito que percebe.

Para apreender algo a partir de si mesmo são necessárias a *epoché* e a redução fenomenológica. Em Husserl a *epoché* traz a ideia de contemplação desinteressada de preocupações das ciências naturais na existência. Stegmüller (2012) complementa que corresponde à suspensão de ideias no sentido de abster-se de juízos sobre as coisas, colocando o caráter de absoluto e inquestionável e de validade originados na ciência natural. Como característica da fenomenologia deve-se partir do entendimento que o mundo da consciência é formado pelas vivências do sujeito.

Como método de pesquisa, a fenomenologia requer do pesquisador mudança radical de seu olhar para o mundo; colocar em suspensão (*epoché*) seus conceitos e ideias; a finalidade é garantir um distanciamento dos conhecimentos do pesquisador para então, com abertura, olhar o fenômeno como ele se apresenta (SALZEDAS, 2011).

Aluno de Husserl, Martin Heidegger desenvolve a fenomenologia como método e referencial teórico na busca pelo sentido do ser dos entes e em específico do humano, que se encontra em movimento de velamento e desvelamento, ou seja, algo que se mostra e se esconde. Mas junto à fenomenologia, Heidegger articula o pensamento existencialista de Kierkegaard, criando assim uma fenomenologia existencialista. Colocar o modo comum de pensar em suspenso é o necessário para se viver autenticamente e apreender a verdade, afirma Heidegger. Para ele o estudo do ser precisa partir do ente que tem a capacidade de se compreender sendo, ou seja, o ser do humano, o ser dotado da presença (SAFRANSKI, 2005; GADAMER, 2012).

O filósofo nomeia de *Dasein* (ser-aí; estar-aí) o ser do ente humano. Para diferenciar os significados daqueles do seu mestre, Heidegger desenvolveu termos hifenizados, que também simbolizam uma relação indissolúvel entre eles. O ser-aí, o homem concreto, é colocado em suspensão e a intencionalidade é a direção para o ser compreendido. Aqui a fenomenologia é ontológica e, como tal, é hermenêutica

para a interpretação do ser. O *Dasein* está aberto a possibilidades de criar seus próprios sentidos para a vida, a fim de alcançar sua existência autêntica (SAFRANSKI, 2005; STEGMÜLLER, 2012).

Como o ser do próprio homem está velado, para compreendê-lo filosoficamente, é preciso analisar a partir de sua existência cotidiana, já que seu próprio ser-aí se manifesta. Como afirma Stegmüller (2012) abordar essa existência, conforme Heidegger, só é possível através do *como*, ou seja, a essência. O *como* se trata da relação do homem com o mundo; toda essência expressa o *como* da existência e é uma descrição do mundo vivido.

A existência aqui é compreendida como aquilo que na verdade emerge, se desvela; assim ela revela o mundo da existência do *Ser* em sua cotidianidade. Porém, aborda o filósofo, no cotidiano o ser humano vive de forma que não exprime a sua verdadeira essência e então vive um modo de ser mediano e banal, ou seja, não é um ser consciente de si (MIRANDA, 2011). E como revelar a verdadeira essência se ele está imerso na vida cotidiana que o impele a tomar decisão?

Heidegger considera que no cotidiano o ser humano se manifesta de diferentes maneiras conforme o contexto e o tempo. Logo há uma temporalidade no existir agora que, ao passar já não é mais; o futuro é algo ainda incerto, mas carregado de um poder-ser toda a potencialidade que o sujeito humano tem em si. O ser humano no cotidiano se encontra lançado na abertura de possibilidades de se revelar, de ser ou não ele próprio, embora as requisições da vida no dia-a-dia.

Há condições que propiciam o desvelamento de sua essência e o levam a um refletir sobre sua existência. Para chegar a esse movimento necessário é começar pelo modo de ser do humano no cotidiano que é ser-no-mundo. E como tal esse ser vive em relação com outros entes. Como é que ele compreende esses outros?

De acordo com Heidegger, os entes como coisas, são compreendidos conforme a relação de manuseabilidade que *Dasein* tem com elas. É essa característica que leva o ser-no-mundo a interpretar os objetos conforme o seu 'para que'. As coisas vistas a partir dessa relação são compreendidas como dadas e, portanto, desnecessário pensar sua essência. Da mesma forma, outros entes humanos são também dados e a compreensão do outro está dada, não carecendo dessa maneira, ser pensada. Por isso, o ser-no-mundo o é na facticidade da

presença, isto é, no fato de existir e se interpretar (INWOOD, 2002; STRATHERN, 2004; MIRANDA, 2011).

Estar lançado no mundo é uma situação que encaminha o vivente para um mundo dado pelos outros, que não o leva a reflexão; é estar numa situação que lhe é alheia. A saída: como um existencial ele tem a possibilidade de escolha.

Ontologicamente, o ser-aí tem modos básicos de Ser. O cuidado, como um desses modos, desvela-se na vida cotidiana de *Dasein*, que cuida de seu ser, de sua existência. O cuidado tem como fenômenos a ocupação e a preocupação. No modo de ser da ocupação, o ser-no-mundo volta seu olhar para os entes mundanos que, embora tenham seu próprio modo de ser, ele não se apercebe. Conforme Inwood (2002); Kahlmeyer-Mertens (2015), com isso os vê a partir das atividades que executa com estes entes como tratar e cuidar de algo, produzir algo. Ao se relacionar com seus pares, o cuidado com o ser do outro assume a perspectiva da pré-ocupação. E como o ser tem essa compreensão?

O ser humano tem a percepção dos entes em certa totalidade e isso o faz se familiarizar com eles e se comportar adequadamente; isto é, a circunvisão. Esta consiste no olhar em torno, é a visão do momento, é o elemento necessário para *Dasein* se firmar sobre seus próprios pés e cuidar de si, bem como ter condições de ajudar os outros a não se reduzir a uma dependência do mundo, sendo eles mesmos (INWOOD, 2002). Para compreender a si, sua essência, é preciso seguir os passos da fenomenologia e esses envolvem posturas próprias da fenomenologia.

Segundo Heidegger, colocando o ser em suspensão e fazendo sucessivas reduções, pode se desvelar a sua essência, e assim é possível interpretar o ontológico velado pelo ôntico, isto é, o ser encoberto por aquele dado nas ciências naturais e no viver cotidiano. Mas também, esse ser mundano só o é, essencialmente, em função da existência dos outros, ou seja, os significados do ser existente na relação com os outros entes. Logo, a essência do ser está no ser-no-mundo, onde ele desenvolve a sua identidade existencial e a de mundo. Para Heidegger, é no cotidiano que o ser-no-mundo se constitui como presença, o que justifica que a compreensão ontológica de si mesmo precisa ser desvelada para ser compreendida (ROACH, 2008; MIRANDA, 2011).

Há diferentes estruturas existenciais no ser do homem que lhe permitem viver o cotidiano com os demais entes. Lembrando que a existência está sempre relacionada ao mundo e aos outros, existir é ser-no-mundo-com-outros. Nessa

relação com os outros o ser se projeta no mundo por meio da linguagem, que é o veículo de expressão da compreensão. Como estrutura ontológica do ser-aí, possibilita a própria indagação. A linguagem é já uma estrutura do ser-em-si consciente pois, antes disso, expressa-se na forma de falatório, comum no seu cotidiano e ligado a vivência mundana com os pressupostos da ciência (INWOOD, 2002; WU, 2012; MARTINS, 2013).

Ontologicamente pensamento e interpretação são possíveis na situação hermenêutica, conforme nossa posição, visão e concepção prévias, atesta-nos Heidegger. Por hermenêutica o filósofo entende a “interpretação do nosso próprio *Dasein*” (INWOOD, 2002, p.79; SALZEDAS, 2011).

Nessa perspectiva, *Dasein* é considerada a possibilidade mais própria de ser a si mesmo e, por conseguinte, os conceitos interpretativos daí advindos são existenciais (SCHMIDT, 2012). Esse autor, pesquisando sobre a hermenêutica em trabalhos de Heidegger, definiu que a facticidade significa o modo particular do ser de *Dasein*; esse se constitui em um modo por um período histórico e em uma época particular, como afirmado anteriormente. Ou seja, *Dasein* se mostra com distintos modos em diferentes contextos e momentos. A forma de viver uma vivência ativa é a que *Dasein* é. A forma de ser no estar-aí por um tempo, que é a facticidade, inclui a compreensão da própria forma de ser. Na existência há a possibilidade mais própria de *Dasein* ser a si mesmo.

A unidade da estrutura do cuidado é a temporalidade, informa-nos Inwood (2002). Isto se relaciona à última possibilidade do existencial, a morte, a intransferível condição na qual o homem vem ao encontro de si; o fenômeno originário do futuro para Heidegger, para quem o homem é futuro em cada momento. São a decisão prévia e a aceitação da culpabilidade que despertam a clareza necessária para encarar o que vem ao encontro: aqui se desperta a abertura para o presente. Futuro, passado e presente formam uma unidade que dá sentido ao cuidado. A existência humana é um estar aberto no tempo.

A culpabilidade se relaciona com a situação que *Dasein* se encontra lançado no mundo, aquém de sua escolha e se fundamenta no que lhe falta de um outro, que é o seu próprio, e então faltoso; a culpa existencial é justamente ser fundamentado por um *não* ; o correlato existencial de uma falta do ser simplesmente dado (INWOOD, 2002).

Uma das estruturas que constitui o descobrimento de si é a disposição em que alguém se encontra; o humor, que permite ao sujeito tornar-se consciente do mundo ou dos entes como um todo é uma força que sucede às coisas e a nós mesmos. A disposição é o humor que revela como alguém está ou ficará, como se está e se torna para alguém (INWOOD, 2002).

Nesse sentido o mundo se mostra à compreensão humana como uma disposição ou estado de espírito. Um deles se destaca: a angústia, na qual o puro existir no mundo se apresenta com tal intensidade que tornam aparentes os aspectos mais pessoais, encobertos pelos humores cotidianos. Isso deixa em evidência que as vivências nas quais esses aspectos são ausentes estão em desacordo com o viver próprio; é quando o ser percebe que tem de fazer algo por si mesmo.

É na angústia que se manifesta o caráter verdadeiro do ser no mundo, pois ele se encontra dissolvido em sua individualidade e não mais no impessoal. Além do mais, na inquietação em que se encontra, ele deixa de ser evasivo; nesse humor tem-se a possibilidade de conhecer o seu ser mais verdadeiro vendo o significado das coisas de modo diferente do habitual (INWOOD, 2002; STEGMÜLLER, 2012).

A angústia, uma disposição fundamental, no cotidiano é encoberta por excesso de atividades manuais e, graças a ela, o homem pode se desvencilhar do *eles* ou o *a gente* para ser o autêntico si mesmo (STEGMÜLLER, 2012; MARTINS, 2013). Ao des velar seu modo de ser cuidado, o humano sabe que existe por causa de si mesmo e que também é isolado; internamente se preocupa de seu ser e se encontra ameaçado tanto pelo seu mundo interior, o qual mostra a profundidade da disposição fundamental, quanto é absorvido pela massa externa.

A temporalidade que dá sentido ao cuidado desempenha papel primordial no ser da existência humana e se relaciona com a sua finitude, pois a morte já nos rodeia no presente, e quando chega, deixa-se de existir. O presente envolve a existência forçando-a a uma decisão; o passado é aquilo que obriga o homem a entrar no presente e que também o limita em suas possibilidades de ser. O futuro envolve as probabilidades realizáveis e está impregnado da possibilidade da morte. Diante disso, o homem, preocupado com o seu próprio ser/salvação, novamente se volta para cuidar de seu existencial. Tal fato se deve a própria estrutura formal do cuidado relacionada com essa pré-ocupação como uma característica da existência humana (INWOOD, 2002; STEGMÜLLER, 2012; MARTINS, 2013).

2 A FENOMENOLOGIA EXISTENCIALISTA DESVELA A INTERPRETAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO SERVIÇO

Como caminho para articular o mundo cotidiano com esse pensamento filosófico, a pesquisa de cunho fenomenológico pode ser desenvolvida para desvelar a compreensão do trabalhador em sua relação com os demais entes. Em pesquisa fenomenológica com profissionais de saúde com vínculos empregatícios em instituições hospitalares de Santa Catarina desvelou-se o *como* da educação no trabalho trazendo a compreensão deles sobre a temática. A entrevista em profundidade e a postura fenomenológica permitiram a coleta de narrativas; por meio da escuta atenta dos áudios foi elaborado o texto de uma suposta reunião onde os doze participantes se encontram com a pesquisadora. Nesse texto estão apresentadas as características dos respondentes, desveladas durante a análise de informações para a tese de doutoramento em Saúde Coletiva (SILVA, 2016).

Os relatos foram obtidos em duas entrevistas gravadas em áudio sobre a vivência da educação de três médicos, cinco enfermeiros, dois técnicos de enfermagem e dois fisioterapeutas que trabalhavam como: gestores gerais da instituição (2); gestores do setor de ensino (2) ou na assistência direta ao paciente internado (8). Cada participante foi entrevistado individualmente em horário e em locais escolhidos pelo profissional. O estudo foi conduzido após obtenção da aprovação pelo comitê de ética em pesquisas; os participantes foram identificados com pseudônimos e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Durante as escutas, transcrição e análise das entrevistas, foram organizadas as histórias contadas por eles e notou-se ênfases dadas, seja por meio da mudança no tom de voz, seja na repetição de informações, de um mesmo respondente ou de outro e criou-se um diálogo entre eles. Este texto contém as características dos respondentes e do contexto de colheita de informações e precedeu a apresentação das narrativas na tese.

2.1 Encontro marcado com os gestores e profissionais de saúde

Estávamos os doze sentados à mesa. Falávamos alegremente de nossas vivências no trabalho; particularmente a educação em serviço. A conversa estava regada por sucos e cafés e também acompanhada de lanches diversos. Algumas vezes notávamos que havia música de fundo. Eram sons de carros vindos da rua e

dos quadros nas paredes, além da conversa barulhenta de amigas que se encontravam ao final do dia e de xícaras sendo recolhidas.

A educação no trabalho é uma atividade que promove mudanças e melhora a auto-estima quando atinge os objetivos, dizia Ludimila. Maria manifestava que eram determinantes para realizar e supervisionar a técnica, especialmente quando normas e rotinas não eram de fácil acesso na instituição. Precisam contribuir nas ações diárias de cuidado como rever técnicas e procedimentos que mudaram, acrescenta a primeira. Chega Antonio e logo manifesta que também devem ser instigadoras, pois do contrário alimentam a aversão do profissional por participar, em especial, quando são obrigados.

O tempo dedicado à educação no trabalho, que resulta em aprendizagem do profissional e mudança de conduta na assistência com o paciente, melhora a autoestima dos aprendentes e possibilita o desenvolvimento de habilidades técnicas instrumentais e àquelas voltadas aos projetos da instituição, acudiu Ludimila. Nessa hora foi um falatório, todos queriam a palavra. Tentamos organizar e um por vez contou as experiências.

Primeiro a tarefa iniciada no setor de ensino deve ser supervisionada, avaliada e continuamente, ser acompanhada na unidade de internação dos pacientes pela enfermeira assistencial. Era Midwife se expressando. Por quê? O treinamento pode ser ofertado múltiplas vezes; pode ter avaliação mostrando sua eficácia na aprendizagem. Porém a ausência de cobrança, supervisão e acompanhamento levam o profissional a deixar de lado tudo o que foi ensinado e atue conforme o tempo que já passou.

Isso de imediato causou espanto e Nurse assegurou que o tempo vivenciado com a educação no trabalho é angustiante. Por vários motivos há dificuldade de realizar ações com profissionais de enfermagem: eles não têm tempo para isso; só mesmo para o trabalho. Como em um jogo sem regras, cada um foge do seu jeito: se fizer no setor ou fora dele, sempre aparece uma desculpa do profissional para sair da atividade em andamento. Ora é uma campainha, ora é um telefone...seja o que for, já é motivo de dispersão e, pior, o enfermeiro é o primeiro a se ausentar!

Ah, mas a comunicação das atividades aos profissionais é problemática e não é divulgada para o público alvo as poucas atividades desenvolvidas! Quando as pessoas sabem de última hora ficam preocupadas com o excesso de trabalho e se acomodam com o que fazem, do jeito que fazem, acrescenta Ludimila. Pergunto:

mas será mesmo que a comunicação é o problema da baixa frequência e participação?

Não. Responde quase de imediato a interlocutora. Era como se ela tivesse percebido que existem razões inexplicáveis para as ausências nas ações de educação no trabalho. E, balançando a cabeça de um lado para o outro, ela afirma quase para si que tem mesmo colegas acomodados. Mas tem outro problema, ela acrescenta, a prática desenvolvida no hospital é ofertar em uma única oportunidade a atividade. Questiono: e o que fazer nessa condição?

Conversando com Midwife, Antonio e Tieta eles dizem que é possível pensar alternativas como a repetição em diferentes datas e horários. Fazer a checagem da quantidade de participantes por atividade e possibilitar novas ocorrências conforme esse levantamento. Num canto destacou-se Homero, escondido atrás de suas lentes, praguejava que o hospital não oferece ações de educação continuada. Batia com o punho cerrado na mesa. Assegurou que a liberação dele para ir a um congresso fôra um 'parto'. Indignado dizia que a educação em serviço é ausente e afirmou que as residências eram priorizadas. Epitáfio pondera, as residências são o carro chefe do ensino no hospital. E Heráclito completa mostrando-se entusiasmado ao falar dos projetos institucionais para novas residências.

Quando sai a voz de Cleópatra, alegando que suas dúvidas são esclarecidas em discussões com seus colegas de profissão durante encontros realizados no hospital ou fora dele, quando organizam jantares. Todos olharam para ela. Em seu rosto jovem ela afirmava pouca experiência e participar de todas as atividades educativas que eram ofertadas para as demais categorias profissionais a ajudava. Esses encontros fora da instituição contribuíam também para fortalecer o convívio amigo e solidário.

É quando se manifesta Bárbara afirmando se sentir contemplada com a participação em atividades oferecidas na unidade de trabalho, quando os profissionais discutiam os casos clínicos dos pacientes em atendimento. Embora ultimamente tenha participado de atividades mais gerais, como palestras e teatro problematizando posturas éticas do profissional na instituição. Assevera inclusive que tais reflexões têm levado a mudanças de posturas no cuidado com o meio ambiente.

As atividades cuja frequência é obrigatória e são ofertadas no horário de trabalho requerem rearranjos nas escalas de atividades e os profissionais se

ausentam do setor em duplas para participar nos diferentes momentos de oferta da atividade, de modo que todos presenciam. Quando impossibilitados de sair do setor, devido às demandas assistenciais, negociam com a chefia, contou Tieta. Nessa fala ela foi acompanhada por Midwife ao repetir que as atividades de educação no trabalho devem ser em diferentes momentos e até mesmo se organizar, conforme o número de pessoas em um determinado setor que não assistiu, para ofertar novos encontros.

Foi então que Nurse, com seu olhar claro, aumentou o volume da voz ao expressar uma condição necessária para isso: precisa de parceria com as gestoras da assistência. Nessa fala Midwife balançava a cabeça concordando - e deve ser interessante, acudiu alguém.

Debruço-me para ver Antonio referindo que era meio frustrante passar por situações que ele dominava o conteúdo, mas que se sentia obrigado a assistir pelo menos três vezes a execução de uma técnica para ser liberado para realizá-la, mesmo já tendo domínio. E, amargurado, dizia também que retornar à unidade de trabalho depois de participar de uma atividade tinha que se desdobrar para fazer o trabalho, porque estava lá, tudo esperando por ele. Era uma culpa sair e ainda na volta precisava se render à execução do que não fora feito, desabafou.

Nesse instante Ludimila bateu palmas; era exatamente isso que acontecia no setor onde trabalhava. Faltando profissionais e tendo muitos pacientes para atender não era privilégio dele. Continuou falando das dificuldades quando o número de profissionais era insuficiente e os que estavam no setor se sentiam com a responsabilidade de assistir todos os pacientes. Quando ela mencionou que as atividades de cunho técnico assistencial eram mais importantes para a sua atuação, alguém reforçou a ideia, não pude ver quem foi.

Transferir conhecimento é um aprofundar-se cada vez mais, como cavar um buraco, quanto mais você tira mais você tem, defende Heráclito. Ele diz que, embora essas questões apresentadas, é preciso pensar a educação no trabalho com a criação de programas de educação continuada, residências, especializações, bibliotecas. A estruturação do setor de ensino deve tomar por direção grandes experiências e pensar o futuro da instituição. É preciso pensar na cultura humanística da tecnologia no diálogo com profissionais e pacientes.

Prestamos atenção no que aquele olhar brilhante expressava. Era um aspecto bastante debatido na mídia: a humanização. Para ele se apresentava como uma

necessidade instar trabalhadores em contato com o paciente na porta de entrada do hospital quanto ao acolhimento. Em sua postura corporal e no seu ser-a-si-mesmo parecia dizer que se tem que viver o presente de olho no futuro; é preciso acreditar nas próprias potencialidades. Epitáfio pediu a palavra e afirmou que esse é um setor de muito estresse, os profissionais têm de ser vistos para além do trabalho e fazer alguma coisa para reduzir esse estado de sofrimento mental.

Existe certa distância de gestores com os profissionais, o que pode interferir no desenvolvimento do trabalho como um todo dentro do hospital, informou Nurse; por outro lado, aspectos como facilidade de comunicação e organização do setor de ensino, além de parcerias com as gestoras assistenciais nas unidades, contribuem para o sucesso das atividades realizadas, reforçou a interlocutora.

Midwife concordou com isso e ponderou que o sucesso, nesse momento, se correlaciona com a frequência dos profissionais nas diversas modalidades de ensino em serviço. Para Nurse, ver que as demandas dos profissionais, mesmo quando atendidas pelo setor de ensino, não contam com a presença deles, é frustrante. E quando não há frequência, parece que a parceria não está indo adiante, completou Midwife.

Nurse ainda arrematou: a educação no trabalho para determinado grupo profissional é desenvolvida a partir de dificuldades assistenciais verificadas no dia-a-dia. Chegar aos temas para definir o que abordar requer a vivência na assistência direta nas unidades. Para a execução de ações de educação no trabalho o hospital precisa de parcerias de outras instituições e trazer expositores ou professores externos é necessário devido às resistências de profissionais.

Outras vezes as parcerias devem ser no espaço interno, com as gestoras da assistência, cujo papel é se organizar para liberar a equipe presenciando os diferentes momentos de construção do conhecimento dentro da instituição, disseram Ludimila, e Midwife. Esta última acrescentou que isso tem importância para a enfermagem, especialmente quando são cruzadas as informações de ocorrências de erros e a participação dos profissionais por setores, evidenciando que a baixa participação está associada a maior ocorrência de erros.

As ações educativas são desenvolvidas com capacitações e treinamentos, que quando realizadas externamente, facilitam a saída do serviço e participação dos profissionais, oportunizando que se centrem nas atividades, afirmava Nurse. Mas também há diversas modalidades realizadas internamente ao hospital, pelo setor de

educação continuada: simulação na unidade assistencial ou de ensino, palestras em auditórios, aulas teóricas e demonstrações em laboratórios e atividades no local de assistência: *on-the-job-training*. Tieta concordava com a fala de Antonio e Midwife que, atenta ao que era dito, completava as frases.

Treinamentos, simulação realística, são importantes para atingir a perfeição na assistência e têm que ser mantidos, porém quando se deve atender um indivíduo em sofrimento, não basta o treinamento procedimental, dizia Heráclito. A tecnologia é ímpar, mas sozinha faz o cuidado parecer dividido ao meio; cuidar humanisticamente do sujeito faz mudar a resposta a esse cuidado.

Foi quando Maquiavel se levantou. Concordou com o que os colegas diziam de poucas atividades educativas. Lembrou que participou uma vez de orientações no hospital; era alguma coisa sobre sistema de informática, refletia ele. E se disse contente com o seu aprendizado em cursos e eventos de neurologia que frequentava no hospital. Aquela troca com enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos e médicos de diferentes especialidades fez com que ele percebesse que os conhecimentos de sua área não lhe forneciam arsenal para lidar com situações nas quais ele era mais que profissional, um confidente junto ao paciente.

Homero recordou que as residências é que têm recebido atenção no hospital; afirmou se sentir desvalorizado, até mesmo pelos próprios colegas de profissão. Acredita que a categoria profissional não é valorizada como um todo no hospital, e, no caso de educação em serviço, alguns são privilegiados. Sequer perguntavam de sua saúde. Era uma loucura o que se fazia com os profissionais: se exige muito e não se oferece o básico para enfrentar situações assistenciais no cotidiano, finalizou.

Epitáfio e Ludimila concordam que a atenção em atividades educativas é centrada para residentes e na enfermagem, particularmente enfermeiros. Mas por que a enfermagem? Pergunto.

Por um lado, há um padrão genético na crença de que esse serviço é mantido em função da enfermagem e, por outro, é o mais numeroso grupo de profissionais no hospital, o que faz pensar que, organizando-o fica mais fácil lidar com o ensino dos demais. Responderam quase em coro Midwife e Heráclito.

E elevam-se as vozes de Midwife e Nurse alegando que os profissionais que trabalham no setor de ensino, além de serem poucos, sempre são envolvidos nas atividades de ensino no hospital, mesmo que seja apenas a logística.

Às vezes o hospital precisa de condutas educacionais para implantação de novas tecnologias; essa realidade põe em destaque o planejamento de ações de ensino. Planejar a educação no trabalho é uma necessidade; levantar junto aos profissionais e gestores da assistência o que é necessário é uma prática. Em alguns casos, o número insuficiente de profissionais no setor de ensino faz com que esse plano não seja elaborado. A centralização das ações educativas para todos os trabalhadores do hospital é uma demanda que vai sendo atendida mesmo não sendo presente no planejamento. Por outro lado, pode-se contar com os líderes das unidades, lembrou o que já dissera Midwife.

Para ela, por ser um setor de *staff*, a educação em serviço tem inserção em todo o hospital e seus profissionais precisam participar de atividades de avaliação para contribuir. Há treinamentos que são obrigatórios devido a necessidade de manutenção de títulos, reflete; há treinamentos internos para gestores, pessoal de enfermagem. Por isso, educar no trabalho é necessário; planejar e avaliar seus resultados são um imperativo ao longo do tempo. Mas qual o alcance dessa prática? Questiono a todos.

Se por um lado, o tempo de planejar é perdido, o tempo de avaliar e mostrar que a educação no trabalho, via treinamentos, é uma aposta viável na melhora da assistência é uma ocupação que faz Nurse vislumbrar o futuro. Mas como é difícil medir a aprendizagem, o intangível; os números não escondem seu valor: Midwife pondera como caminho a avaliação quanto a efetividade das atividades de educação no trabalho feita conforme índices internacionais aplicados, com pré e pós teste. São esses índices que delimitam as porcentagens de acertos para considerá-las surtindo efeito. Há uma equação para somar a quantidade total de treinamentos e contagem de horas utilizadas para essas ações, é o que acredita Midwife.

Os profissionais do setor de educação em serviço elaboram planejamento de atividades anuais e readequam horários quando há necessidade. Há uma dinâmica de organização da educação continuada e seus trabalhadores para fazer os treinamentos com a enfermagem. Essa envolve ir aos setores e fazer *in loco* orientações e sabatinas, correções e acompanhamentos individuais. Pode ser direcionada para todo um grupo profissional que seja deslocado de seu posto em diferentes horários, envolve simulação, diálogo, demonstração.

Heráclito destaca que a educação no trabalho com profissionais de saúde acontece de maneiras diferentes e articuladas de modo a treinar e ajudar a formar

os profissionais de saúde. Ela é um grande projeto na instituição que, além de obter resultados no espaço hospitalar com seus trabalhadores, busca a empatia da sociedade para captar novos profissionais e formá-los em sua concepção ideológica.

Em sua percepção é preciso contaminar os profissionais das diversas áreas do saber para as novas ideias, induzir às conquistas. Às vezes, lidar com as críticas e persistir, embora momentos de desistência assombrem a sua vontade durante o tempo que se dedica ao ser-em-si. Coordenar pessoas é direcionar para mudanças, afirma, e carregar a bandeira na frente do grupo de soldados implica gerir dores próprias, desabafou das dificuldades de dormir, dos questionamentos que se fazia quando estava sozinho.

Mas Homero, que sabe do seu tempo vivido como um tempo sem retorno se alivia desenvolvendo a conduta mais acertada com os pacientes; vivencia o cotidiano enfrentando o que o tempo quer minar: o desejo de ser um profissional cujos acertos e habilidades sejam reconhecidos; o desejo pelo conhecer e melhorar o serviço, sua ocupação. Então ele financia sua formação continuada e aproveita as oportunidades oferecidas em outro local onde atua profissionalmente.

A conversa animada se seguiu por mais alguns encontros, já que o áudio diariamente reiniciava para a pesquisadora. Ludimila falava sempre alegre sobre as suas expectativas, embora a decepção com a forma de acontecer da educação em serviço. Midwife se continha em alguns momentos, quando procurava as palavras certas a serem expressas na sua satisfação em trabalhar em um campo aberto ao conhecimento; enfrentar os desafios de reorganizar suas propostas era prazeroso.

Homero sempre problematizava, brigava e ao final ele se percebia como um lutador e paciente na espera pelo futuro. Compartilhavam as ideias de futuro Heráclito, sempre filosofando a vida, a ética e os planos para humanizar a assistência ofertada aos pacientes no hospital. Tieta vinha com os olhos brilhando, dizia que os treinamentos possibilitavam a assistência necessária para evitar que o paciente fosse a óbito; essa era sua experiência mais interessante.

Maquiavel, a exemplo de Midwife, procurava palavras para exprimir coisas que não tinha refletido. Sempre se sentia pré-ocupado por reinserir a pessoa com lesão neurológica na sociedade. Bárbara ficava de olho nas nossas condutas éticas e Cleópatra queria conversar mais sobre o que era vivenciado frente a morte que chegava tão rápido para alguns pacientes.

Nurse, pensativa, reticente. Esperava o momento para exprimir as lutas cotidianas no trabalho com educação em serviço. Seu corpo expressava ‘estou aqui’, mas o pensamento ia e vinha do passado para arrancar-lhe as vivências.

REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans Görg *Hegel, Husserl, Heidegger*. (trad. Marco Antonio Casanova). Petrópolis, RJ:Vozes, 2012.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

INWOOD, Michael J. *Dicionário Heidegger* [trad. Luísa Buarque de Holanda; rev.téc. Márcia Sá Cavalcante Schuback]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. *10 lições Sobre Heidegger*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LUIJPEN William *Introdução a fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU, 1973.

MARTINS, Mizael de Oliveira. F. Linguagem e angústia, existência e cuidado do Dasein em Heidegger. *Rev. Diálogos*, n.10, p 224-49, 2013.

MIRANDA, Carmen Lúcia Moraes. *O sentido do ser-mãe-que-engravidou-após-óbito-fetal*: possibilidades assistenciais de e para a enfermagem. Tese (Doutorado em Enfermagem) 120 f. UFRJ/EEAN/ Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Rio de Janeiro: UFRJ, EEAN, 2011.

ROACH, Eduardo Francisco Freyre. Abordagem fenomenológico-hermenêutica e pesquisa em educação: um estudo de vigilância epistemológica. *ETD Educação Temática Digital*, Campinas, v.10, n. 1, p.198-226, dez. 2008 – ISSN: 1676-2592.

SAFRANSKI, Rüdiger *Heidegger: um mestre na Alemanha entre o bem e o mal*. 2.ed. (Tradução Lia Luft). São Paulo: Geração editorial, 2005.

SALZEDAS, Patrícia. L. *Casais contemporâneos e a vasectomia como método contraceptivo*: um estudo fenomenológico-hermenêutico. Tese (Doutorado em Psicologia). 2011, 228f. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

SCHMIDT, Laurence K. *Hermenêutica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

SILVA, Rosilda Veríssimo. *Política de educação permanente e a possibilidade de hospitais promotores da saúde*. 2016. 268 f. Tese (Doutorado). Curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea: introdução crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2012.

STRATHERN, Paul. *Heidegger em 90 minutos*. (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

WU, Roberto. Hermenêutica enquanto fenomenologia do 'como': o 'Natorp Berich' de Heidegger. In: BERTORELLO, A.; MASCARÓ, L. *ACTAS DE LAS SEGUNDAS JORNADAS INTERNACIONALES DE HERMENÊUTICA*. 2, Buenos Aires: Proyeto Hermenêutica, 2012, p. 562.